

Capitalismo global triunfante

Quando a primavera de 1896 chegava às Grandes Planícies norte-americanas, os fazendeiros enfrentavam temerosos o período do plantio. O valor dos produtos agrícolas continuava a cair. O *bushel** do trigo, que por décadas havia se estabilizado em um dólar, chegou ao fim de 1892 valendo menos de 90 centavos, em 1893 custava por volta de 75 centavos e no fim de 1894 mal podia ser vendido a 60 centavos. No fim do inverno de 1895-1896, o preço do *bushel* foi abaixo dos 50 centavos. Nas Dakotas, e em outras regiões remotas, isso significava que o valor pago aos fazendeiros era cerca de 30 centavos, apenas 1/3 do que eles esperavam receber.

Enquanto os preços agrícolas despencavam, os insumos que os produtores agrícolas necessitavam estavam mais caros do que nunca. Os valores de maquinário, ferramentas e fertilizantes permaneciam altos. Os custos do transporte terrestre se mantiveram estáveis e até subiram. O preço dos empréstimos seguia da mesma forma, sem demonstrar piedade aos fazendeiros, que ganhavam metade ou 1/3 do que recebiam quando pediram o dinheiro emprestado.

Desamparados, os produtores agrícolas norte-americanos organizaram o primeiro verdadeiro movimento de massa. O Movimento Populista e seu Partido elegeram centenas de legisladores estaduais, dezenas de senadores federais e membros no Congresso de todas as regiões agrícolas de sul e oeste do país. Em 1892, o candidato à Presidência pelo partido recebeu mais de um milhão de votos.

O programa populista exigia primeiramente, e acima de tudo, que os Estados Unidos abandonassem o padrão ouro. A plataforma

* Unidade de medida para a comercialização de grãos, equivale a cerca de 27 quilos. (N.T.)

do partido denunciava que sob o padrão ouro “o fornecimento de moeda se resumia, propositadamente, a engordar a usura, levar empresas à falência e escravizar a indústria”.¹ A solução para aquilo, o que os populistas chamavam de “a questão do dinheiro”, era se livrar do esquema liderado pelos britânicos para enriquecer os banqueiros, investidores e comerciantes internacionais à custa de produtos provenientes da agricultura e da mineração. Em vez disso, os Estados Unidos deveriam abandonar o ouro e adotar a prata a uma taxa de câmbio desvalorizada, o que aumentaria os preços agrícolas e reduziria os juros.

Com a piora nas condições agrícolas, os fazendeiros norte-americanos prestaram atenção às sugestões da ativista populista Mary Elizabeth Lease, de “produzir menos trigo e mais confusão”. Com raiva, os produtores agrícolas atacavam os defensores do ouro, cuja insistência por um padrão global estava destruindo a existência dos fazendeiros. Milhares deles clamavam pela alternativa do padrão prata, a salvação para os produtores agrícolas e mineiros.

O Partido Democrata, então no poder, não podia ignorar a concorrência dos populistas. O presidente Grover Cleveland fora um fiel defensor do padrão ouro, mas agora seu Partido Democrata estava tomado por amargurados opositores ao padrão, que acusavam Cleveland, e outros líderes do partido, de traidores. Como os preços dos produtos agrícolas permaneciam baixos em julho, realizou-se em Chicago a Convenção Nacional dos Democratas. Toda a discussão girou em torno de como os populistas e aqueles que os apoiavam estavam transformando a campanha presidencial de 1896 em uma célebre “batalha de padrões”.

Ativistas antiouro tomaram de assalto a convenção e o Partido Democrata. Um jovem representante do Nebraska no Congresso incitou os participantes da convenção e o país com um provocativo chamado às armas. William Jennings Bryan ignorou o apelo dos líderes financeiros do partido:

Vocês vêm até aqui nos dizer que as grandes cidades são a favor do padrão ouro. Respondemos que as grandes cidades dependem de nossas amplas e férteis pradarias. Ponha fogo nas suas cidades e abandone nossas fazendas; suas cidades renascerão como num passe de mágica. Mas destrua nossas fazendas e a grama crescerá nas ruas de cada cidade do país.

Em nome da maioria do partido, Bryan desafiou os defensores do ouro em casa e no exterior: “Vocês não podem pressionar essa coroa de espinhos contra a testa dos trabalhadores; vocês não podem crucificar a humanidade com uma cruz de ouro.”

A oposição irreduzível de Bryan ao padrão ouro e às finanças internacionais rendeu a ele a nomeação como candidato democrata às eleições presiden-

ciais. A vitória foi um surpreendente repúdio à elite empresarial do nordeste do país. O jornal *The Times* de Londres informou de Chicago:

Esta não é mais uma convenção, e sim uma insurreição política. O Partido Democrata ... daqui em diante será governado como Bismarck disse que o mundo não poderia ser governado, de baixo para cima. Houve uma revolta na nata da política e estranhas criaturas surgiram.²

Os líderes financeiros da Europa e do mundo assistiam chocados às violentas críticas contra o padrão ouro e o desafio às bases da ordem econômica internacional. Os Estados Unidos eram a maior economia do mundo, o principal solicitador de empréstimos e o mais importante destino do capital internacional e também de imigrantes. Agora, impunham uma grande ameaça à ordem econômica global. “A questão não é mais apenas entre a prata e o ouro, mas entre a sociedade e uma forma muito rudimentar de socialismo”,³ escreveu um repórter do *Times*. A nova plataforma do Partido Democrata, bradava o correspondente britânico, “era a doutrina do repúdio público e privado à falta de lei, à guerra contra a propriedade e aos direitos públicos e privados”.⁴ Os termos talvez fossem exagerados, mas a preocupação era real: se os democratas vencessem e implementassem sua plataforma política, o padrão ouro correria perigo no resto do mundo.

Quando o frenesi político chegou ao auge, as tendências mundanas começaram a abalá-lo. Novas descobertas de minas de ouro trouxeram para o mercado mais quantidades do metal precioso. Uma vez que o suprimento de ouro aumentou, os preços subiram. No fim de agosto de 1896, o preço do trigo começou a subir, primeiro lentamente e depois de forma mais rápida. Até o fim de outubro, com a proximidade das eleições norte-americanas, o preço do trigo estava quase 50% mais alto do que estivera durante o verão.

Em 3 de novembro, os eleitores norte-americanos derrotaram, por uma pequena margem, os democratas e suas críticas ao padrão ouro. Os defensores do ouro se organizaram em massa, e empresas do nordeste norte-americano contribuíram com somas milionárias para a campanha presidencial do republicano William McKinley. O aumento nos preços agrícolas suavizou o descontentamento, especialmente nas regiões que oscilavam entre os democratas-populistas e os republicanos. No fim, a margem foi pequena, mas o jornal *The Times* esperava que aquilo fosse suficiente para “acabar de enterrar o bryanismo, o ‘silverismo’, o socialismo e todas as propostas revolucionárias da plataforma de Chicago”. O correspondente do jornal reportou da capital financeira da nação:

O cenário em Nova York supera qualquer descrição. À meia-noite multidões continuam a encher as ruas ... Bandas tocam, bandeiras se agitam, luzes piscam, corações batem, o céu é iluminado; e em cada quarteirão os sorrisos radiantes continuam a fluir com grande alegria das boas novas de que mais uma vez essa República – utilizo a frase de Lincoln – irá viver, e não morrer! O significado do triunfo republicano de hoje reside neste fim.⁵

E assim terminou a Grande Depressão de 1873-1896. Em seu lugar, emergiu o grande feito da Era de Ouro do capitalismo global: duas décadas de crescimento e globalização.

O fortalecimento do padrão ouro

Os anos entre 1896 e 1914 foram o auge da integração econômica internacional. A deflação de 1873-1896 foi interrompida e as ameaças ao capitalismo global se dissiparam. Pela primeira vez em 20 anos, os preços cresciam de forma contínua: entre 1896 e 1913, cerca de 16% na Grã-Bretanha e por volta de 41% nos Estados Unidos. O valor das matérias-primas e produtos agrícolas aumentou particularmente rápido. Os preços dos produtos agrícolas norte-americanos, que caíram 38% entre 1875 e 1896, aumentaram 78% de 1896 a 1913. O tão importante preço do trigo norte-americano caiu para menos de 50 centavos o *bushel* em 1896, mas voltou a custar um dólar dez anos depois. Produtores agrícolas e mineiros podiam concentrar-se em inverter a promessa populista produzindo mais milho e menos confusão.

Diante do relaxamento das tensões no início e em meados da década de 1890, governos entregaram, com entusiasmo, suas economias aos mercados mundiais. À medida que o comércio internacional crescia, os conflitos comerciais se enfraqueciam: Os empréstimos e investimentos internacionais avançaram, de modo que antes da Primeira Guerra Mundial a Grã-Bretanha exportava mais da metade do total de seu capital. De forma geral, a hostilidade em relação ao padrão ouro, às finanças internacionais e à economia global desapareceu. Até mesmo os conflitos militares e políticos entre as grandes potências se atenuaram.

Os anos de abertura do século XX foram o mais próximo de um mercado mundial sem barreiras para produtos, capitais e trabalho que o planeta já vira. Levaria cem anos até que o mundo atingisse novamente esse nível de globalização. Além disso, a economia internacional integrada crescia na maior velocidade já registrada pela história. A produção e a renda aumentaram, e não apenas nas nações ricas. Muitos países relativamente subdesenvolvidos cres-

ceram de forma dramática. As economias do Canadá e da Argentina mais do que triplicaram e a renda per capita desses países quase dobrou.⁶ Em menos de 20 anos essas duas nações deixaram de ser muito mais pobres do que a França e a Alemanha e se tornaram bem mais ricas que esses dois países.

A reviravolta dos preços que suavizou as críticas ao padrão ouro era, em parte, gerada pelo próprio sistema. Em um mundo onde as principais moedas tinham base no ouro, um declínio dos preços dos produtos significava o mesmo que um aumento no valor do metal. Quando os preços de um *bushel* de trigo caíram de um dólar-ouro para meio dólar-ouro, o mesmo dólar-ouro podia comprar duas vezes mais trigo. O preço baixo dos produtos acarretava o alto preço do ouro, e tal preço alto era um bom motivo para se procurar mais do metal. Exploradores percorreram o mundo e começaram a fazer novas descobertas importantes no fim da década de 1880. A corrida pelo ouro se dava de forma sucessiva, da África do Sul à Austrália passando por Yukon e pelo oeste norte-americano; e no fim da década de 1890, o novo estoque mundial de ouro era duas vezes maior do que o da década anterior. Quando o novo suprimento de ouro foi despejado nas reservas financeiras, o valor do metal diminuiu. Já que ouro era dinheiro, um declínio no valor do ouro era o mesmo que um aumento no preço dos produtos; uma redução pela metade no valor do metal significava a duplicação dos preços dos produtos em termos de taxa-ouro. Dessa forma, novas reservas de ouro levaram a um aumento generalizado dos preços.

Enquanto os preços aumentavam após 1896, o ouro se tornou menos objeto de controvérsias políticas, e países que o evitavam aderiram a ele – o Japão e a Rússia em 1897; a Argentina em 1899; o Império Austro-Húngaro em 1902; o México em 1905; o Brasil em 1906; a Tailândia em 1908. Até mesmo a Índia, que adotava a prata havia séculos, foi empurrada pelos britânicos para uma variação do padrão ouro, um processo complicado que inspirou um trecho da peça escrita por Oscar Wilde em 1895, *A importância de ser prudente*. A pudica Srta. Prism dá instruções à sua pupila Cecily: “O capítulo sobre a baixa da rúpia pode ser omitido. É demasiado sensacionalista. Até mesmo esses problemas monetários têm seu lado melodramático.”⁷ Em 1908, a China e a Pérsia eram os únicos países que praticavam alguma importação a permanecer fora do padrão ouro.

O padrão ouro era central para a integração econômica internacional. Gerava uma previsibilidade e uma estabilidade que facilitavam muito o comércio, os investimentos, as finanças, a migração e as viagens internacionais. Empresários, investidores e imigrantes não precisavam se preocupar com mudanças nas taxas de câmbio, com controles monetários nem com qualquer outro impedimento à movimentação de dinheiro ao redor do mundo. O impacto no comércio foi substancial; estima-se que a adoção do padrão ouro nesse período tenha aumentado cerca de 30% a 70% o comércio entre dois países quaisquer.⁸

O padrão ouro era mais importante para as finanças internacionais do que para o comércio. Os financistas internacionais julgavam a adoção do padrão ouro uma obrigação dos membros bem-comportados da economia mundial clássica; um sinal de que um país era economicamente confiável.⁹ Os investidores tinham bons motivos para focar no compromisso dos governos com o padrão ouro. Manter-se no padrão poderia ser difícil e, sobretudo, exigiria conter uma certa resistência política. Os investidores sabiam que um governo que desejasse, e fosse capaz de, superar a oposição ao ouro provavelmente também honraria a dívida externa, mesmo diante de protestos domésticos. Como viria a ser também anos mais tarde, especialistas financeiros britânicos e norte-americanos – ou o Fundo Monetário Internacional – davam garantias aos emprestadores aprovando políticas governamentais. Dessa forma, para um país qualquer, ser membro do “clube do ouro” já de início lhe conferia uma certa bênção.

O padrão ouro significava integridade financeira por exigir dos governos políticas econômicas que se ajustassem às pressões da economia global. A adesão ao ouro forçava as economias nacionais ao ajuste quando elas gastavam além do que podiam. Se uma nação abrisse um déficit ao importar mais do que exportar, gastaria uma quantidade de dinheiro – ou seja, de ouro – superior ao montante recebido com as vendas internacionais para pagar pelas importações. Com a saída de ouro do país, a oferta interna de dinheiro diminuiria, assim como o poder de compra da nação. Isso reduziria a demanda e dificultaria as vendas dos produtores nacionais, que precisariam reduzir os preços e forçar uma queda nos salários. Dessa forma, pelo próprio funcionamento do padrão ouro, o país que gastasse mais do que recebesse estaria fadado a reduzir os preços e salários, a gastar menos e a produzir de forma mais barata. Se o processo se desse de maneira constante, logo a economia reagiria. Assim que os salários e preços caíssem, os estrangeiros comprariam mais produtos desse país e os locais adquiririam menos bens-de-fora. Portanto, o preço dos importados diminuiria e as exportações cresceriam, devolvendo o equilíbrio ao Estado.

O padrão ouro agia como um regulador, impondo restrições aos salários e aos preços. Na década de 1750, o filósofo escocês David Hume identificou esse processo regulador, que recebeu o nome de “modelo de fluxo de moedas metálicas”, uma vez que mudanças nos preços levavam a fluxos específicos de moeda (ouro) que tendiam a forçar os preços e as economias a recuperar o equilíbrio. Qualquer país no padrão ouro que gastasse mais do que ganhasse (ou pudesse pegar emprestado) seria forçado, pela forma como o sistema operava, a inverter esse quadro; reduzir gastos e salários, retomando o equilíbrio. Os governos do padrão ouro privilegiavam os laços internacionais em detrimento das demandas internas, impondo austeridade e cortes de salários a uma popu-

lação relutante, a fim de aderir ao regime. Isso fez do padrão ouro o teste de fogo que os investidores internacionais utilizavam para julgar o grau de confiabilidade financeira de governos nacionais.¹⁰

O estímulo do padrão ouro ao comércio, investimentos e migração internacionais foi ajudado por avanços tecnológicos nas áreas de transportes e comunicações, por condições macroeconômicas geralmente favoráveis, e pela atmosfera pacífica entre as grandes potências. Todos esses fatores permitiram que as economias do mundo ficassem cada vez mais intimamente integradas à medida que a Era de Ouro avançava.

A utilização de ferrovias e navios a vapor, ambos já em curso em 1870, se expandiu ainda mais rapidamente a partir desse momento. Houve uma corrida extraordinária para a construção de ferrovias em regiões subdesenvolvidas nas décadas que precederam 1914. Em 1870, a imensidão da América Latina, Rússia, Canadá, Austrália, África do Sul e Índia contava com quase a mesma quilometragem de linhas férreas que a Grã-Bretanha. Em 1913, o tamanho da malha ferroviária dessas regiões já era dez vezes maior do que a da Grã-Bretanha. A Argentina, sozinha, passou de umas poucas centenas de quilômetros de ferrovias para um sistema mais extenso que o britânico.¹¹ O desenvolvimento de turbinas a vapor na década de 1890 aumentou a velocidade dos navios e, posteriormente, novas embarcações movidas a petróleo, com sistema de combustão de diesel, passaram a competir com a energia a vapor. O desenvolvimento do sistema de refrigeração fez com que, pela primeira vez, o transporte de produtos perecíveis fosse possível, permitindo que a Argentina exportasse carne resfriada e Honduras, banana. Todos esses adventos reduziram, de forma dramática, o tempo e os custos para se levar esses produtos aos mercados. Nos 20 anos que precederam 1914, o custo do envio transoceânico de produtos à Grã-Bretanha caiu em 1/3, ao passo que, em média, os preços dos produtos exportados cresceram na mesma proporção.

Empurrado pelos avanços nos meios de transporte, o comércio internacional, que em 1896 correspondia a menos de 8 bilhões de dólares, passou a atingir mais de 18 bilhões em 1913. Mesmo com as correções devido à inflação, esse valor era quase o dobro. Para a maior parte dos produtos havia algo como um mercado mundial integrado, de forma que os preços se tornavam mais parecidos com o passar do tempo – mesmo entre os países separados por milhares de quilômetros. O trigo e o ferro são bons exemplos. Em 1870, esses dois produtos significavam custos quase proibitivos para o comércio, o que resultava em grandes diferenças de preços dos dois produtos entre os países. O trigo, que em Chicago custava US\$100, valia 158 em Liverpool. De forma semelhante, o ferro-gusa na Filadélfia custava 85% a mais do que em Londres. Em 1913, o aperfeiçoamento tecnológico havia reduzido os custos dos transportes

e padronizado os preços. Agora, o preço do trigo era apenas 16% mais alto em Liverpool do que em Chicago, e o ferro-gusa custava somente 19% a mais na Filadélfia do que em Londres. Os preços das *commodities* mais importantes do mundo convergiram em Sydney e Chicago, Odessa e Buenos Aires.¹²

Em momentos anteriores, quando o comércio internacional era caro e incerto, não participar dele tinha poucos custos. Era fácil abdicar das oportunidades comerciais que eram arriscadas e periféricas. Mas quando o transporte internacional evoluiu de barcas e barcos a vela para ferrovias e navios a vapor, os produtores tinham mais incentivos para exportar e os consumidores para importar. Os custos do isolamento aumentavam à medida que a abertura se expandia.

Ao mesmo tempo, o telégrafo mundial significava uma transmissão instantânea de informação de qualquer área dotada de algum avanço para os bancos de investimentos e comerciantes de Londres, Paris e Berlim. O desenvolvimento do telefone, que era bem mais conveniente que o telégrafo, facilitou enormemente as telecomunicações. Os investidores expandiram os interesses globais, e os investimentos internacionais cresceram ainda mais rápido que o comércio mundial, atingindo 44 bilhões de dólares às vésperas da Primeira Guerra Mundial. Grande parte do rápido crescimento das regiões em desenvolvimento, como os Estados Unidos e a Austrália, foi financiada por investidores estrangeiros. Os estrangeiros eram responsáveis por mais de 1/3 dos investimentos recebidos pelo Canadá e por volta de 3/4 dos destinados a alguns países da América Latina. Em 1913, os investidores de fora eram donos de 1/5 da economia australiana e de metade da atividade econômica argentina. O fluxo de dinheiro vindo de outros lugares não era apenas importante para os países em rápido crescimento que utilizavam o capital, mas também era fundamental para as economias européias que faziam esses investimentos. No começo do século XX, os investimentos externos eram os responsáveis por algo em torno de 1/4 a 1/3 da riqueza das principais potências.¹³

A imigração internacional também disparou. Milhares de pessoas tomaram conhecimento das dinâmicas regiões do Novo Mundo, assim como de outros lugares, e deixaram as cidades pobres da Europa e da Ásia. Na primeira década do século, a emigração atingiu 3% da população de Grã-Bretanha, Itália e Suécia, 5% dos cidadãos espanhóis e 7% dos portugueses. Do lado receptor, os imigrantes nessa década formavam 6% da população norte-americana, 13% da canadense e surpreendentes 43% da população argentina. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, grandes parcelas dos habitantes das economias que mais cresciam no mundo eram formadas por imigrantes. Na verdade, metade dos 1,3 milhão de moradores de Buenos Aires havia nascido no exterior.¹⁴

O número dos que deixaram suas terras nativas na Ásia era quase o mesmo dos que abandonaram a Europa. A maioria era de chineses, que foram para

o Sudeste Asiático e o Novo Mundo. Os indianos foram em massa para terras africanas e asiáticas ao longo do Oceano Índico e para o Caribe. Muitos dos migrantes asiáticos iam com contratos preestabelecidos* e eram obrigados a trabalhar – principalmente nas grandes plantações – nos locais de destino. Uma ampla proporção deles retornava à terra natal, em parte devido ao próprio acordo, em parte porque as condições de vida em Trinidad ou nas Filipinas era menos atraente do que em São Francisco e Sydney. Muitos, porém, ficaram, e estabeleceram comunidades chinesas, indianas, e de outros países asiáticos, de Lima a Cidade do Cabo, de Cingapura ao Havaí.

A reversão da grande deflação de 1873-1896, o desenvolvimento tecnológico e a relativa estabilidade econômica contribuíram para a rápida integração da economia global antes de 1914. O padrão ouro, o comércio e as finanças internacionais mantinham a economia mundial mais coesa do que nunca.

Especialização e crescimento

Os países que se lançaram na economia global desses anos dourados se remodelaram de acordo com as novas posições que encontraram no mercado mundial. Cada região se especializou no que sabia fazer de melhor. A Grã-Bretanha gerenciava os investimentos, operava os sistemas comercial e financeiro mundial, além de garantir e supervisionar os mecanismos de comunicação e de envio de mercadorias. A Alemanha produzia ferro, aço, produtos químicos e equipamento pesado para as ferrovias, minas, plantações e rotas de envio de carga. Argentina, África do Sul e Austrália usavam capital britânico e maquinário alemão para estabelecer novas minas e fazendas e para transportar o minério de volta para a Alemanha a fim de manufaturá-lo. Parte dos ganhos era destinada à Grã-Bretanha como juros pelos investimentos.

Países, grupos e regiões se tornavam cada vez mais especializados. Pessoas, empresas, áreas e nações desistiram das atividades que não desempenhavam tão bem para que pudessem se concentrar naquelas em que eram particularmente bons. Em outros tempos, os países tentariam a auto-suficiência, mas agora se dedicavam a produzir e exportar aquilo que mais sabiam e comercializar o resto.

As indústrias da Europa ocidental inundaram o mundo com maquinário e equipamentos para o cultivo das fazendas, o funcionamento das minas e a construção de estradas de ferro e portos que escoassem seus produtos até os

* Do inglês *indenture*, que eram contratos de serviços por tempo determinado nos países coloniais. (N.T.)

mercados. Investidores europeus forneciam o capital para financiar os enormes projetos das construções onde esses equipamentos seriam empregados. As regiões do Novo Mundo, Ásia e África, ricas em recursos, se concentravam em trazer sua riqueza mineral e agrícola para o mercado. Os trabalhadores excedentes do interior da Europa e da Ásia foram mandados para ajudar nas novas minas, plantações e usinas. E à medida que os pampas e as pradarias, Yukon e Witwatersrand, Trinidad e Sumatra entregavam suas riquezas, os industrialistas, investidores e imigrantes eram pagos com os lucros originados no que haviam investido.

O capitalismo global tornou a especialização algo possível. Países, fabricantes, fazendeiros e mineiros podiam se concentrar, unicamente, em produzir seus melhores bens e serviços caso tivessem acesso a mercados grandes o suficiente para vender o que produzissem e comprar o que consumissem. Agora, pela primeira vez, isso era possível. O padrão ouro, o livre comércio e os novos meios de transporte criaram um mercado global conveniente, acessível e previsível. Grãos, cobre, minério de ferro, carvão e até mesmo carne e banana podiam ser enviados por navio a quase qualquer lugar ao redor do mundo a baixos custos. Investidores podiam comprar ações e títulos de empresas de governos distantes e monitorar seu progresso com facilidade. Os europeus podiam comprar comida barata do Novo Mundo e concentrar seus esforços produtivos nas técnicas industriais que inovaram e aperfeiçoaram. Os argentinos poderiam se concentrar em trabalhar a terra das planícies mais férteis do mundo para plantar grãos e criar gado e utilizar os lucros para importar produtos manufaturados da Europa.

Produtores agrícolas e mineiros nas regiões recém-especializadas expandiram a produção em uma velocidade extraordinária. Nos 20 anos que precederam a Primeira Guerra Mundial, a quantidade de terras destinadas à plantação de trigo na Argentina e no Canadá aumentou de 7 a 8 milhões de hectares em cada país para cerca de 32 milhões de hectares. Uma vez que os agricultores passaram a cultivar novas terras e intensificaram a produção das já existentes, a quantidade de trigo, café, chá e algodão produzidos no mundo mais do que dobrou de 1870 a 1913.¹⁵ No mundo em desenvolvimento, os produtores de outros bens recém-negociáveis avançaram de forma ainda mais rápida. Em menos de 50 anos, da virada do século à Primeira Guerra Mundial, a produção mineradora das áreas em desenvolvimento quase triplicou. Entre 1880 e 1910, a produção mundial de banana cresceu de 30 mil para 1,8 milhão de toneladas; a de cana-de-açúcar passou de 1,9 milhão a 6,3 milhões de toneladas; a de cacau foi de 60 mil para 227 mil toneladas e a de borracha, de 11 mil para 87 mil toneladas.¹⁶

Os teóricos da economia clássica aprovavam o processo. Adam Smith em seu texto fundador da economia clássica, *A riqueza das nações*, de 1776, tornou

a especialização – a divisão do trabalho – o ponto central de sua teoria. Ele e seus contemporâneos do liberalismo econômico argumentavam, contra os mercantilistas, que a auto-suficiência era uma tolice. Em um famoso exemplo, Smith indicou que, trabalhando sozinho, um operário de uma fábrica de alfinetes podia no máximo produzir 20 unidades por dia. No entanto, nas fábricas da época, o processo de produção de alfinetes estava dividido em cerca de oito etapas diferentes, cada uma realizada por um ou dois trabalhadores especializados. Dessa forma, uma fábrica com dez trabalhadores produzia 48 mil alfinetes por dia, fazendo com que cada indivíduo fosse cerca de 240 vezes mais produtivo do que o seria trabalhando sozinho.¹⁷ A especialização gerava produtividade, e a produtividade alimentava o crescimento econômico.

Nesse contexto, *produtividade* não tem o mesmo significado do termo utilizado pelos gerentes para convencer os funcionários a trabalhar mais horas. Refere-se ao montante produzido por uma unidade de trabalho com os outros fatores de produção à disposição, especialmente capital e terras. Na agricultura, por exemplo, a mesma quantidade de trabalho é mais produtiva em solos férteis do que em solos pobres; é mais produtiva com máquinas, fertilizantes e irrigação do que sem esses aparatos. Tal fato é verdadeiro, mesmo que os trabalhos agrícolas em questão sejam idênticos. Em 1900, os produtores de trigo alemães não eram tão produtivos quanto os produtores de trigo canadenses, não porque trabalhassem menos ou fossem menos qualificados, mas porque as terras alemãs eram pouco adequadas ao cultivo de grãos. Da mesma forma, o fato de a produtividade do trabalho norte-americano em 1913 ser duas vezes e meia mais alta do que a dos italianos não significava que um trabalhador norte-americano trabalhasse duas vezes e meia mais do que um trabalhador italiano. Se esse fosse o caso, por que milhões de italianos teriam ido para os Estados Unidos trabalhar? Isso quer dizer que em uma hora um trabalhador norte-americano produzia duas vezes e meia a mais do que um trabalhador italiano devido ao capital bem mais abundante à disposição de cada trabalhador. De fato, o número de máquinas ao dispor dos trabalhadores nos Estados Unidos em 1913 era três vezes maior até mesmo do que na Grã-Bretanha, líder industrial do mundo.¹⁸

Os economistas clássicos enfatizavam que especialização requer acesso a grandes mercados. Adam Smith e seus colegas argumentavam que restringir as possibilidades de oferta e demanda retardava o crescimento econômico, desafiando assim o pensamento mercantilista, que por sua vez tentava limitar o acesso aos mercados. Um vilarejo isolado do resto do mundo e forçado à auto-suficiência precisa produzir tudo o que necessita. Entretanto, se esse vilarejo fizer parte de um mercado maior, nacional ou global, ele pode se especializar no que sabe fazer de melhor. Os produtores precisam de mercados amplos para se especializarem; a divisão do trabalho depende do tamanho do mercado.

Mercados globais levam à especialização global. Smith deve ter ficado ainda mais certo de suas idéias ao ver que à medida que os países se comprometiam com a economia global e ganhavam acesso a mercados, imediatamente começavam a se especializar. As idéias dele eram confirmadas pela experiência de dezenas de regiões. Países com acesso a mercados mais extensos se especializavam. Com a especialização a produtividade aumentava, da mesma forma que o crescimento e o desenvolvimento de suas economias.

A divisão internacional do trabalho das décadas que precederam a Primeira Guerra Mundial transformou continentes inteiros. Novas áreas agrícolas e mineradoras extraordinárias foram atraídas pelos mercados mundiais, inundando a Europa com comida e matéria-prima a preços baixos. Produtos industriais inovadores e baratos brotavam das fábricas européias e iam para regiões que sempre contaram com o artesanato. Países que antes cultivavam todos os seus alimentos passaram a importar grande parte destes. As regiões nas quais seus habitantes se vestiam com tecidos produzidos de forma artesanal e utilizavam ferramentas feitas à mão passaram a utilizar tecidos de algodão mais baratos feitos em máquinas e equipamentos manufaturados. Cidades e regiões inteiras concentravam seus esforços na extração de minério de ferro, na fabricação de tecidos, no cultivo de arroz ou na produção de trilhos para ferrovias, enviando esses produtos para o resto do mundo em busca de mercados.

Do ponto de vista global, o processo funcionava perfeitamente. Trabalho e capital circulavam pelo mundo, indo de onde produziam menos para onde produziam mais. Camponeses poloneses ou portugueses improdutivos, que não podiam competir com os produtores de grãos argentinos e canadenses, viravam trabalhadores urbanos produtivos em Varsóvia e Lisboa ou emigravam, tornando-se operários produtivos nas fábricas de Toronto ou trabalhadores do campo nos pampas. Capitalistas buscavam regiões ao redor do mundo onde seus investimentos gerassem mais lucro. Abdicavam da construção de mais uma ferrovia ou usina de geração de energia na Inglaterra por algum projeto novo e ousado no Quênia. Efeitos iguais podiam ser sentidos mesmo sem a movimentação de pessoas e de dinheiro, simplesmente por meio do comércio. Um país com excesso de trabalhadores podia enviar emigrantes para áreas de colonização recente ou empregar a mão-de-obra barata em fábricas que produziam manufaturados a serem mandados para essas mesmas regiões. Enviar trabalhadores da Itália para a Austrália tinha efeito similar a enviar produtos cuja manufatura era intensiva em mão-de-obra: trabalhadores italianos eram empregados de uma forma mais produtiva, e a Austrália passava a ter acesso a mão-de-obra barata de forma direta ou indireta.

A especialização não era fácil, tampouco sem custos. O processo transformava economias e sociedades e, com frequência, destruíam as formas tradicionais de

vida. A especialização agrícola – a abertura dos pampas e pradarias que inundava o mercado mundial com grãos baratos – gerou uma grave crise na agricultura européia. Produtores agrícolas europeus destituídos de suas terras eram despejados nas cidades para trabalhar em fábricas repugnantes. Outros se mudavam para regiões do Novo Mundo ou para outras áreas de colonização recente, as quais haviam desencadeado o problema. Os agricultores que não conseguiam sobreviver na Itália ou na Suécia podiam tentar a sorte nos estados de São Paulo ou do Minnesota. As dezenas de milhares de produtores agrícolas forçados a deixar o campo em direção à cidade, ou a cruzar o oceano para as novas terras, com frequência encontravam pobreza, discriminação, doença e isolamento, em vez da tão esperada prosperidade. A nova divisão internacional do trabalho separou famílias, vilarejos e países, forçando o despedaçamento de sociedades tradicionais coesas.

Por mais doloroso que tivesse sido esse processo, a integração econômica e a especialização tornou tanto o Velho quanto o Novo Mundo mais eficientes. Os agricultores europeus que não podiam competir passaram a desempenhar novas atividades. Eram mais produtivos nas fábricas européias do que em suas terras relativamente pobres. Caso tivessem permanecido na atividade agrícola, eram mais produtivos no Novo Mundo que no Velho. Em todo o planeta, os agricultores e trabalhadores deslocados sofreram, mas, provavelmente, ao menos seus filhos e netos usufruíram de melhores condições.

Essa divisão global do trabalho aumentou a produtividade tanto em termos nacionais quanto internacionais. Seria pouco provável que fosse de outra maneira: a otimização das formas de utilização do trabalho e do capital, por definição, aumentaria a produtividade. Os agricultores miseráveis da Alemanha Oriental e do sul da Itália foram para as modernas fábricas de Berlim ou Chicago. O interior da Argentina e o do Canadá, recém-acessíveis aos mercados mundiais, se transformaram de regiões indígenas de caça nos melhores campos de trigo do planeta. Pessoas, fábricas e campos produziam mais. Os ganhos aumentaram e as economias cresceram.

Na Era de Ouro, os benefícios do intercâmbio econômico internacional proporcionaram os ganhos advindos da especialização. Sem acesso à imigração entre os países e através dos oceanos, os agricultores teriam ficado presos às suas terras inférteis. Sem o acesso a um mercado mundial, os mineradores sul-africanos e os criadores de gado australianos não teriam onde vender seus produtos. Sem o comércio e as finanças internacionais para enviar, garantir, fornecer e gerenciar, Londres teria se tornado o centro nevrálgico de apenas uma pequena ilha, e não do mundo todo. O mundo intercambiava equipamentos para máquinas por alimentos, cobre por tecido e títulos estrangeiros por aço, e os produtores e compradores de peças, alimentos, cobre, tecido, títulos estrangeiros e aço lucravam.

Descontentes com o globalismo

O fato de a Era de Ouro ter abandonado o mercantilismo parecia amplamente justificável. A profunda rejeição à época dominada pelo amplo controle dos governos sobre a economia trouxe benefícios significativos. Livre comércio, movimentação de capitais e imigração reduziram o controle estatal. O padrão ouro pressupunha que os governos autorizassem a livre conversão de dinheiro em ouro e vice-versa, o que permitira, ao invés de impedir, os ajustes econômicos domésticos. Certamente, os governos intervinham, com frequência e de forma coerciva, para garantir o direito de propriedade privada dos investidores e comerciantes. Mas a ideologia e a ordem do dia alardeavam um governo que não fosse além de salvaguardar as operações do mercado.

Entretanto, abaixo da superfície já havia tensões e abusos no capitalismo global pré-1914. Uma das fontes de insatisfação era a subjugação de povos e nações pobres. Mesmo que governos na Europa, nos Estados Unidos e no Japão celebrassem o poder do mercado, eles usavam forças de diferentes tipos – artilharia, canhoneiras, infantaria – para dominar centenas de milhões de novas colônias na África, Ásia e América Latina.

Outro problema era que nem todo mundo se beneficiava da integração econômica global. Muitas sociedades tradicionais se estagnaram ou se desintegraram. Mesmo nas regiões do mundo que mais cresciam, os frutos do crescimento não eram distribuídos de forma justa. Sociedades que abandonavam as atividades econômicas menos produtivas com frequência também abandonavam aqueles que estavam presos a elas. É de fácil entendimento a lógica por trás do abandono do cultivo do trigo em terras medíocres ou do fechamento de tecelagens artesanais pouco eficientes frente à abertura das prósperas planícies dos Estados Unidos e dos pampas, ou à disponibilidade de tecidos melhores e mais baratos feitos à máquina. Mas o que seria feito dos camponeses e tecelões cujas terras e habilidades não tinham mais valor, cujas formas tradicionais de vida não eram mais possíveis?

A integração econômica gerou uma enorme tensão naqueles que produziam o que não podia mais competir com as mercadorias dos novos líderes mundiais. Os consumidores não precisavam mais dos grãos europeus, dos emprestadores latino-americanos, do artesanato chinês nem dos tecidos indianos. Indústrias, regiões e classes inteiras tornaram-se dispensáveis, e entre os que estavam do lado perdedor da especialização e da integração econômica havia menos disposição em aceitar um governo pouco ativo que não fazia nada para aliviar seu sofrimento.

O entusiasmo com a Era de Ouro do capitalismo global não foi universal. Tanto os mercados abertos quanto o pagamento das dívidas aos estrangeiros e

o padrão ouro implicavam sacrifícios, normalmente da parte dos mais pobres e fracos. Raramente, esses sacrifícios eram feitos por vontade própria. Mesmo nos países que estavam crescendo havia resíduos de conflitos sociais e políticos nos requisitos e pré-requisitos nacionais para a integração econômica. Também houve países inteiros que adotaram uma atitude cautelosa ou hostil em relação aos laços econômicos mundiais, e governos que restringiram e regularam de perto o comércio e os investimentos internacionais.

O capitalismo global do fim do século XIX e início do XX foi quase inteiramente bom para o crescimento global, para as economias da maior parte dos países e, até mesmo, para a renda da maioria das pessoas. Mas não foi igualmente bom para todos e foi ruim para muitos. Não obstante, o sucesso dessas décadas parecia confirmar os argumentos dos defensores da integração da economia global, que eram a favor das finanças internacionais, do livre comércio e do padrão ouro. Eles também pareciam defender a idéia clássica liberal que favorecia uma limitada intervenção dos governos no mercado, apenas o suficiente para garantir a plena participação na economia global. Para muitos povos, especialmente aqueles das economias que lideravam o mundo, as décadas que precederam a Primeira Guerra Mundial evidenciaram que o mercado e a economia global eram mecanismos poderosos para a prosperidade e até mesmo para a paz.